



## Disfórico é você!

### Dysphorique toi-même

---

Silvia Lippi<sup>1</sup> & Patrice Maniglier<sup>2</sup>

Tradução de Marcela Maria Azevedo<sup>3</sup>

Ninguém precisa ser fiel aos erros do passado

Paul B. Preciado<sup>2</sup>

O filme de Sébastien Lifshitz, *Pequena Garota* (2020), mostra a difícil jornada de uma criança transgênero para ser aceita como menina pela instituição escolar e comoveu toda a França, alcançando recordes de audiência em todas as plataformas<sup>3</sup>. A França toda... ou quase. Porque existem alguns espíritos de porco que, a despeito da incontestável beleza do filme, se inquietaram com essa pequena obra-prima a ponto de ver nela um verdadeiro perigo para a saúde de nossas crianças, de nossas mentes, de nossa civilização e até mesmo para o juramento de Hipócrates<sup>4</sup>. Ora, se essa pobre criança pode fazer que os médicos nos façam não mais o bem, mas o mal, é que o momento deve ser grave... Infelizmente, boa parte destes discursos se afirmam psicanalíticos. Assim, num artigo publicado na revista *Marianne*, em 5 de janeiro de 2020, um pequeno grupo de psicanalistas, psiquiatras, pediatras, trazem suas dúvidas sobre um filme que, aos seus olhos, “faz a promoção da mudança de gênero entre as crianças”, sem levar em conta todos os riscos que essa promoção implicaria<sup>5 6</sup>. O filme cederia à chantagem exercida pelos militantes identitários e comunitaristas (que, aliás, não designam os grupos fascistas que buscam fazer justiça contra os migrantes, mas sim pessoas trans que procuram superar os

---

<sup>1</sup> Université Paris VII – Diderot. Doutora em Psicanálise e Psicopatologia

<sup>2</sup> Maître de Conférences no Departamento de Filosofia da Université Paris Ouest Nanterre.  
Doutor em Filosofia pela Université Paris Ouest Nanterre

<sup>3</sup> Doutora em Teoria Psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.

resquícios de uma perseguição secular<sup>7</sup>), e a emoção que ele suscita traria o risco de nos conduzir à redução de nossas instituições a instrumentos a serviço dessas causas particulares.

Esse artigo nos interpela enquanto psicanalistas, tão subjetivamente quanto outras pessoas podem se sentir interpeladas como *trans*<sup>8</sup>. É necessário que isto esteja claro desde o início: não se tratará aqui de falar sobre pessoas trans do ponto de vista da psicanálise, mas sim do discurso psi a propósito do que as experiências trans fazem ao espaço público. Pois, como diz Eliot Sévricourt, se é verdade que temos de nos perguntar por que as experiências trans tornaram-se atualmente objetos de discursos tão efusivos vindos de pessoas que não estão nelas engajadas, resta que, precisamente por essa razão, estes discursos nos interpelam pelo próprio fato de que isso que nos é caro é ali convocado de modo mais ou menos sensato<sup>9</sup>. Não gostaríamos que, mais uma vez, a invenção de Freud pareça nunca se manifestar no espaço público, a não ser sob sua face mais sinistra, aquela de uma instância autoritária que dispensa suas advertências proféticas sobre os caminhos equivocados da modernidade. Porque, infelizmente, conhecemos muito bem essa psicanálise que se coloca como Grilo Falante e nos julga, literalmente, como Pinóquio. Ela vem aos nossos ouvidos, douta e responsável – sem receios de desagradar, pois quem não sabe que a educação implica, eventualmente, em colocar o narcisismo de lado, presumindo que as crianças entendam, mais tarde, que foi para seu próprio bem? – nos lembrar que nós não podemos tudo, nos advertir contra os desejos loucos que desafiam a “ordem das gerações” instituída com “a linhagem e a filiação” e simbolizada “pelos pais” (segundo o artigo publicado na revista *Marianne*); desejos dos quais aquele de mudar de sexo seria um exemplo. E ela o faz porque sabe que, como Pinóquio, por força de seguir os engodos de seu tempo no lugar de escutar seu sábio pai Gepeto, terminaremos por pagar com nossos corpos, tornando-nos fantoches, totalmente manipulados pelos interesses liberais. Pois, é claro, se é sempre anticapitalista quando se trata de criticar as liberdades que as pessoas se dão sobre seus corpos – na boa e velha tradição da crítica feudal do capitalismo, da qual Marx já zombava (o dinheiro dissolve os velhos laços).

O corpo do transgênero seria, então, como o corpo do Pinóquio, um brinquedo nas mãos da ciência e do grande capital? E o desejo de ser uma menina, para Sasha, um capricho como aqueles do personagem de Collodi? Inspirado por uma sociedade dominada pelos imperativos do gozo ao serviço da mercadoria? Ou não é antes um desejo que nos comove porque sua opacidade apenas reflete o enigma de todo desejo, sua monstruosidade irredutível a toda caixa

pré-definida, sua anormalidade fundamental, e, ao mesmo tempo, a maravilha de ver um corpo se inventar simplesmente, sobriamente, obstinadamente, sobre o abismo que nenhuma norma reconfortante poderá jamais esconder?

Sob o pretexto de criticar uma medicina negligente e desumana, representativa de um mundo neoliberal onde cada um deve advir como empreendedor de si mesmo, os signatários do artigo não deixam nenhum espaço para a possibilidade de exploração e de mutação de um corpo “trans” – nem, aliás, de qualquer outro corpo; pois, nós voltaremos a isso, não há nada de *radicalmente excepcional* no corpo trans. O desejo de Sacha, naquele artigo, é negado, simplesmente empurrado para a inexistência, porque ele é considerado apenas um dos efeitos dos imperativos de gozo próprios a um mundo em que tudo é aparentemente permitido e de fato rentabilizado. Como os psicanalistas podem se associar a uma operação desse tipo, que reduz um sujeito a ser apenas o brinquedo do Outro? Qual grau de surdez é necessário tomar como axioma para conseguir reduzir gestos tão delicados, tão comoventes, de uma criança que inventa a si própria, aos movimentos do autômato comandados remotamente por essa Entidade oculta que nossos sábios, enfurecidos, souberam desmascarar graças à sua grande destreza analítica: a Modernidade Neoliberal?

Entendemos que essa atitude é diretamente contrária à psicanálise, na qual os autores reivindicam sua inscrição. Não consideramos que a psicanálise seja uma técnica que permita reconciliar o ser humano com as contingências de seu nascimento e de sua condição, uma arte da resignação às normas sociais e familiares dadas. Nossos psis paternalistas citam em seu artigo uma frase de Goethe, retomada por Freud: “O que herdaste de teus pais, conquista-o, para que possuas”. Eles acreditam ler aí a ideia de que se pode parcialmente se libertar dos “dados iniciais” que foram escolhidos para nós, mas apenas sob a condição de assumi-los. É um mau uso da citação. Em *Totem e tabu*, Freud cita sim esta frase, mas para dizer que as grandes forças inconscientes que nos animam são atemporais, arcaicas, ou seja, que o inconsciente é *transindividual*. Essa realidade coletiva do inconsciente, contudo, só se manifesta quanto certas circunstâncias individuais o desencadeiam. Trata-se, portanto, do problema da relação entre filogênese e epigênese, o coletivo e o individual, o pulsional e o biográfico, a estrutura e o acontecimento, o eterno e o temporal, o inconsciente e o consciente: nada a ver com os “dados iniciais” de uma biografia<sup>10</sup>! Esse erro de leitura é sintomático: isso que desaparece nos psis paternalistas não é nada menos que o inconsciente. Resta uma

psicologia literalmente *à la papa*, um bom senso médico e familiar, julgador e trivial, que se impõe pela riqueza de sua experiência clínica e nos ilude, almas perdidas que somos todos quando vamos nos consultar, com um saber obscuro e peremptório (eles já viram outros, eles sabem melhor que qualquer um como isso termina – spoiler: mal). Triste destino para a invenção freudiana que se pretendia revolucionária (à semelhança do gesto de Copérnico) e imaginava abrir um continente novo, reenviando nós mesmos a uma imagem espantosa, com a qual, precisamente, jamais saberíamos nos reconciliar.

Jamais nos resignaremos ante essa lobotomização da psicanálise. Consideramos que a psicanálise pode recuperar o fio cortante de sua história, precisamente deixando-se despertar pelas interpelações vindas dos grupos de pessoas que ela, tantas vezes, insultou nas últimas décadas. Após os movimentos feministas nos anos 1970, os movimentos gays e lésbicos nos anos 1990 (na França, em torno do Pacto Civil de Solidariedade – PaCS<sup>11</sup>), é a questão trans que hoje está no núcleo desses processos pelos quais nossas sociedades retomam questões fundamentais sobre o que é ter um corpo, um desejo, ser sexuado etc. Todas essas questões são aquelas com as quais a psicanálise lida desde sua origem.

Longe de querer advertir sobre esse vasto processo de experimentação coletiva do alto das verdades de que seria encarregada, a psicanálise deve aproveitar esse cenário para iluminar o que nos acontece e deixar-se, em contrapartida, por ele esclarecer. Ela tem uma capacidade crítica em relação ao que se passa hoje, mas não porque ela poderia enunciar os limites transcendentais das liberdades humanas, e sim porque ela pode dar um sentido, por vezes mais preciso, para algumas dessas liberdades – e em particular, nesse caso, à ideia de um sexo que não é necessariamente masculino ou feminino. Sacha será nossa guia, nosso silencioso Virgílio, nesses infernos do sexo e do corpo.

### **Para que servem os psiquiatras**

Sébastien Lifshitz filma a batalha de Sacha e sua família para serem aceitos no mundo que lhes rodeia: Sacha é uma criança que desde os seus três anos se vê como menina, embora tenha determinadas características fisiológicas masculinas e lhe tenha sido atribuído o gênero masculino tanto em seu registro civil, na ocasião de seu nascimento, quanto pelas diversas instituições pelas quais passou desde então. O diretor insiste sobre o direito de cada um e cada uma – mesmo em sua infância – viver seu próprio gênero, inclusive quando este não está de acordo com o sexo atribuído no nascimento, suposto registrar o “sexo biológico” da pessoa.

Entretanto, esse direito se choca frontalmente com os preconceitos de uma sociedade fundada sobre normas sexuais universalmente binárias, que tendem a excluir aqueles que não se adaptam a elas. Para uma criança trans, estabelecer relações sociais não é tão simples: se Sacha não tem o direito de se vestir como menina na escola, tampouco pode colocar os mesmos trajes que as outras pequenas bailarinas de sua aula de dança. A família, sem saber muito bem o que acontece com Sacha, participa ativamente do caso e sustenta a criança em seu desejo “fora de norma”, a fim de protegê-la do olhar malicioso dos outros e das discriminações que ela sofre no cotidiano: na escola, na dança, nas relações com seus colegas, na piscina, etc. É sobretudo a mãe de Sacha – dividida entre a culpa de ter desejado uma menina antes de seu nascimento e uma energia fora do comum para proteger a alegria de sua criança – que se declara pronta a engajar-se numa batalha que durará, como ela mesma antecipa, toda a vida. Essa batalha parece perdida, até o momento em que intervém o discurso médico, representado por uma psiquiatra infantil do Hospital Robert Debré. O diagnóstico de “disforia” é colocado, a mãe desculpabilizada de uma vez por todas (“Você não tem nada a ver com isso, afirma a psiquiatra infantil, é assim, a gente não sabe o porquê, mas é assim”) e os bloqueios escolares progressivamente superados.

Quem negará o papel benéfico e mesmo salvador desempenhado aqui pela psiquiatria? Estranha reviravolta quando se sabe que o discurso psiquiátrico foi durante muito tempo um adversário temível para as pessoas transgênero, que as recalcava, alojando-as na loucura, seja para lhes reeducar, conduzindo-as a aceitar o veredito social, seja, mais recentemente, para lhes dar acesso a transições de gênero e mudanças no registro civil, com a condição de serem consideradas doentes a serem cuidadas, autorizadas por um diagnóstico e colocadas sob controle de um saber vigilante. Muitas das pessoas trans de outrora teriam, sem dúvida, sonhado em encontrar uma pessoa como a doutora Bargiacchi<sup>12</sup>. Entretanto, esse papel não é sem ambiguidade e seria lamentável que, desconcertados pelo reconhecimento da eficácia da fala médica sobre as outras instituições (notadamente a escolar), nós não abordássemos alguns desses aspectos mais problemáticos. Pois, é provável que se nos recusamos a enfrentar essas questões, é porque pensamos que é um preço aceitável a pagar para viver nossos gêneros tranquilamente. Mas essa é a questão, e ela é muito simples: Sacha, as pessoas transgênero, ou nós todos e todas em geral, devemos pagar alguma coisa para *fazer [o] gênero*<sup>13</sup> como nós o entendemos?

O discurso psiquiátrico que a pediatra de Sacha parece ecoar, defende uma visão essencialista da sexuação, na qual pessoas transgênero nascem transgênero. Nasce-se trans, não

se torna trans<sup>14</sup>. Por certo o gênero não é mais considerado como dado anatômico, é mais provável que esteja no cérebro, mas o fato é que continua sendo abordado como condição biológica inata. Diz-se – como é repetido sem cessar no filme – que se nasceu em um corpo “bom” (caso sexo e gênero correspondem) ou em um corpo “ruim” (quando sexo e gênero não correspondem). Neste segundo caso, a medicina, como explica a psiquiatra infantil, pode intervir para retificar esse pequeno “erro” incompreensível da natureza, a fim de recolocar o corpo no bom caminho. O corpo da pobre Sacha é “ruim”: ela se sente como uma menina quando está “presa no corpo de um menino”, como afirma seu irmão, que compreendeu a raiz do problema a ponto de entender, também, que se tratava apenas de uma maneira de falar, um artifício de apresentação, para deixar as coisas claras a seus amigos perplexos.

Mas por que um corpo trans seria ruim, falso, preso no sexo oposto, um erro, uma monstruosidade da natureza? Por que ele deveria ser corrigido e modificado pela medicina? Essas são as perguntas que foram frequentemente colocadas por militantes e teóricos/as/ques trans<sup>15</sup>. Mas são também questões a propósito das quais um pouco de psicanálise não faria mal. Pois essa maneira de ver o corpo trans como erro projeta inversamente e, se ousamos dizer, de modo positivo, corpos sem falha, corpos que seriam certos, corpos bons (os corpos cisgêneros). Ora, a psicanálise, justamente, talvez por sua clínica não estar confinada exclusivamente dentro dos hospitais e superar a divisão do normal e do patológico, nos ensina que o corpo, o corpo em geral, todo corpo, não corresponde *jamaís* à sua imagem, e isso para além mesmo da questão do sexo. Lacan tinha tentado uma espécie de parábola dessa condição comum em sua célebre análise do “estádio do espelho”<sup>16</sup>: ele colocou ali em cena uma criança acedendo à representação de seu corpo como unidade harmoniosa, como “boa forma”, apenas em seu reflexo no espelho, e nunca em sua experiência interna, em que lhe restaria um caos desconcertante de pulsões heterogêneas e acéfalas. Ele conclui que o bom corpo é inevitavelmente alienado e situa, nessa experiência idealizada do corpo, a origem de toda alienação. Mas se é verdade que este não é um bom corpo, por qual razão o sentimento de identidade sexual deveria necessariamente convergir com o “sexo biológico”<sup>17</sup>, mesmo que seja o caso da maioria das pessoas (como parece que o é em nossos dias, mas por quanto e tempo e a qual preço)? Por que Sacha é impedida de usar uma saia simplesmente por ter um pipi? Por que ela só pode usá-la após a certificação da medicina que confirma o “erro” sobre seu corpo?

Por uma razão bem simples: é apenas quando os pais mostram a todos o papel do psiquiatra infantil atestando que Sacha sofre de um “problema de identidade de gênero”, hoje conhecido como “disforia”, que, pouco a pouco, o diretor da escola, os professores e os pais dos demais alunos, resignados, aceitam que Sacha compareça na escola vestida como menina. Ela pode ser considerada como menina sob a condição de comprovar ter um problema que a medicina confirma. Mais exatamente, parece que é necessário, sobretudo, evitar que o sexo seja uma invenção de Sacha, ou mesmo (como suspeita a escola) de sua família e, mais precisamente, de sua mãe, e com isso reafirmar que o sexo é um *ser*, que pode ser objetivamente constatado por uma avaliação científica: Sacha *é* dessa forma, ponto, e se ela o *é*, tudo bem, podemos deixá-la *fazer* isso. Nada parece mais angustiante que a ideia de que o gênero não esteja garantido em nenhum lugar, de que seja entregue à deriva das invenções individuais e coletivas, negociado na imanência das relações de que somos tecidos, na intersecção da família, da escola, dos seus sonhos, dos seus colegas, e por que não também do seu cérebro! Não, é preciso que ele seja objetivado, declarado, registrado. “Disforia” resolve o problema.

Se ficasse claro que esse discurso psiquiátrico era apenas um escudo protetor, criando um espaço dentro do qual Sacha poderia seguir a exploração de seu corpo ao abrigo das proibições e injunções do mundo ao seu redor, realmente não haveria nada a dizer. Mas a ideia de um corpo ruim imediatamente conduz a relação de Sacha com o mundo psiquiátrico em uma direção ortopédica: esse corpo terá que ser corrigido. É assim que a psiquiatra infantil, tendo tão logo diagnosticado o problema, planeja imediatamente um encontro com o endocrinologista, para preparar um tratamento hormonal e resolver a questão dos espermatozoides funcionais, dos testículos, do pomo de Adão, etc, assim que eles se colocarem (Sacha tem só 7 anos)... Tudo se passa como se fosse preciso começar o quanto antes a “correção” desse corpo, para que a Sacha seja o mais rápido possível reatribuído “um” sexo, o “bom” sexo, o sexo feminino neste caso, e para apagar os sinais dessa masculinidade que não apenas desagradam a Sacha, mas também a impedem de ser integrada em seu meio. Ao fazer isso, a psiquiatria parece pecar por excesso de zelo, em uma direção oposta àquela que tristemente se demonstrou contra os trans no passado. E se arrisca a fazer outras tantas bobagens. Pois essa não é a primeira vez que, a despeito do juramento de Hipócrates, os médicos, desejando fazer o bem, fazem o mal, e é preciso não ter medo de sua própria obscenidade para opor, com os redatores do artigo na revista *Marianne*, o princípio *primum non nocere* (primeiro, não prejudicar) às demandas de tratamento de pessoas trans, quando se sabe

o mal que a medicina fez aos trans e a muitos outros em suas respectivas circunstâncias. Não obstante, a medicina ameaça ser acusada de precipitar transições que, embora parcialmente reversíveis, não são, contudo, isentas de consequências (como podemos ver no filme quando se coloca em questão congelar as gonadas da criança para evitar uma esterilidade definitiva, em razão dos bloqueadores de puberdade). De fato, recentemente surgiram queixas de jovens adultos contra as instituições médicas que atenderam seus pedidos de transição sexual precoce, quando, a posteriori, consideraram que tais decisões foram influenciadas<sup>18</sup>.

As transições precoces colocam problemas médicos (a reversibilidade e a segurança do tratamento a longo prazo) e jurídicos (o estatuto do consentimento esclarecido entre menores) que não se pode varrer para debaixo do tapete sem correr o risco de os deixar a cargo de mentes conservadoras, que terão então a fácil tarefa de reivindicar o monopólio da consciência crítica<sup>19</sup>. Mas levantam também questões psicológicas (a pertinência de alinhar crianças e adultos no que diz respeito ao significado de certos traços, como as manifestações da transidentidade) e políticas (a possibilidade de deixar o corpo trans se fabricar fora da norma do binarismo sexual), que unem interrogações há muito tempo colocadas por teórico/as/ques e militantes trans que insistem mais sobre o aspecto *transformacional* do que sobre o aspecto *reidentificatório* próprios às experiências de transição<sup>20</sup>. Sob todos esses pontos de vista, a atitude da psiquiatra merece ser questionada. Não se trata de interrogar pessoas como a doutora Bargiacchi; trata-se antes de indagar sobre o que se pede à psiquiatria em nossa sociedade e sobre isso que poderia ser um “acompanhamento psicológico”, uma prática de escuta, atenção, suporte, sem a convicção precipitada de que é necessário resolver os problemas, e que seja, precisamente, desvinculada da lógica médica (a pessoa que escuta alguém não é a mesma que lhe dá medicamentos)<sup>21</sup>.

Compreende-se, é claro, que a psiquiatra de Sacha antecipa aqui uma demanda que conhece muito bem: muitas crianças trans desejam evitar certos signos do dimorfismo sexual que se acentuam na adolescência. Mas não é fácil separar essa demanda das crianças daquela de uma sociedade obcecada pela norma binária. Sem dúvida a mãe de Sacha diz que sua pequena garota detesta seu pipi. Mas como não detestaria esse pequeno pedaço de carne que a impede de fazer tantas coisas? Pois é por causa dele que ela não pode brincar de boneca com suas amigas, dançar como as demais meninas, colocar sapatos dourados para jogar futebol. Para todo o resto, o corpo de Sacha é plenamente feminino. Ninguém se dá conta de que ela não é



uma menina... até ela tirar a roupa (por isso a importância das cenas em que Sacha escolhe seu maiô – com um pequeno babado). Como nota, aliás, Sébatien Lifshitz em uma entrevista ao Arte, no programa “28 minutes”, quanto mais a feminilidade de Sacha for contestada, mais ela detestará os signos “masculinos” de seu corpo<sup>22</sup> – signos que ela desejará tanto mais ardentemente fazer desaparecer sob o bisturi de um cirurgião, a fim de poder se conformar à norma gênero/sexo partilhada pela maioria.

Decerto, não estamos dizendo que cada vez que uma pessoa se insurge contra alguma parte de seu corpo e deseja transformá-la, que isso seja “culpa da sociedade”. Nós não duvidamos que, por vezes, se justifique ajudar alguém a se livrar de certos elementos corporais que lhe são insuportáveis. Dizemos apenas que não é pelo fato destas transformações exigirem cuidados médicos, que a decisão de as realizar deve ser validada pela perspectiva médica (logo, como correção de uma patologia). Dizemos também que é difícil saber sobre isso quando vivemos em uma sociedade que enoda a tal ponto “sexo” e “gênero”.

Há, portanto, razão para pensar que os problemas colocados por essas transições precoces e não precoces seriam, se não dissipados, ao menos tratados com mais delicadeza se admitíssemos questionar dois pressupostos fundadores: o sexo não é da ordem da verdade, mas da experimentação; ele não é binário, mas múltiplo. Ora, a psicanálise está mais bem equipada do que a psiquiatria para acompanhar esse questionamento simplesmente porque não ocupa um lugar de autoridade: não deve entregar a verdade sobre os sujeitos; deve acompanhá-los em uma exploração cujo princípio é que o próprio sujeito sempre sabe mais de si do que qualquer outro, e mais até do que si mesmo! Ela pode também resistir mais facilmente à tentação de separar, no corpo, o verdadeiro do falso para melhor retificar este último. Da mesma forma, como vimos, ela rejeita a ideia de que o corpo é dado imediatamente em sua unidade à experiência humana e coloca em primeiro plano um corpo composto de pulsões parciais acêntricas e cegas. Melhor ainda, ela assegura que o desejo inconsciente não conhece a diferença entre os sexos<sup>23</sup>. Enfim, de modo geral, se recusa a entrar no debate sobre o inato e o adquirido.

Esse último aspecto é frequentemente mal compreendido. Mas, do ponto de vista da psicanálise, não há razão para decidir se o sexo é neuronal ou psicológico, inato ou adquirido, natural ou construído. Essas são, provavelmente, questões em geral mal colocadas e, em todo caso, questões que hoje não possuem respostas: toda pessoa que pretende respondê-las, comete uma verdadeira impostura, quer decida em um sentido ou em outro. Mas a boa nova é que são

questões que não são pertinentes para a clínica psicanalítica: pois qualquer que sejam as causas que levariam Sacha a se sentir uma menina em detrimento de um menino, elas devem ser permanentemente reconstruídas no presente pelo sujeito que as integrará em um sistema de significações e nisso que chamamos de *fantasia*. É tão ridículo pensar que seria necessário apenas uma certa configuração neuroral para determinar o sentimento de ser menina ou menino, quanto pensar que bastaria a mãe ter desejado algo, ou que os esteriótipos de gênero formatam o corpo e a mente de tal ou tal modo. Tudo isso conta, claro, mas em direções largamente imprevisíveis e sob a condição de serem tomados em uma fantasia. E mesmo o cérebro é fantasiado! Essas teorias etiológicas monocausais estão, em todo caso, em oposição direta à psicanálise. Se a psiquiatria serve para tranquilizar a sociedade e os indivíduos atestando uma verdade sobre o sexo, a psicanálise serve, paradoxalmente, porque se recusa a servir a um propósito previamente definido: ela serve apenas para acompanhar as pessoas em seus desejos de se abrirem à impossibilidade de se apegar a um saber decisivo sobre essas questões, em suma, para deixar falar seus desejos inconscientes.

Assim, o cérebro, o discurso dos pais, as normas sociais, como os novos hábitos culturais, e todo o “discurso do Outro”, como diria Lacan, são suscetíveis de agir sobre as experiências de gênero. Por conseguinte, não é surpreendente que hoje cada vez mais jovens se sintam atravessados por experiências trans, tentados a buscar-se ali, dispostos a iniciar uma transição de gênero, em uma das numerosas formas que tal transição pode assumir. Não apenas porque eles têm enfim o direito de serem o que seriam de qualquer maneira por toda a eternidade, mas porque eles são como todo mundo: eles tecem seu ser na complexa teia do mundo simbólico compartilhado. Assim, um jovem paciente transgênero não-binária me confiou que tinha começado sua transição F/M após ter militado em um grupo LGBTQIAP+<sup>24</sup>. Foi participando ativamente desse projeto político que ela sentiu, em dado momento, o desejo de explorar as potencialidades de seu corpo e de mudar de gênero.

A este respeito, pode-se apenas rir da angústia dos redatores do artigo no *Marianne*, preocupados com a “promoção de mudanças de gênero” que seria sustentada pelo “hipersubjetivismo identitário” de um “discurso comunitarista” e difundida pelo filme. Como se as experiências de gênero não fossem de maneira geral influenciadas pelas normas sociais em vigor! Por uma inversão típica do discurso reacionário, os signatários do artigo consideram identitário não o fato de atribuir um ser a uma essência fixada no nascimento segundo as normas

de uma tradição supostamente eterna, mas, ao contrário, o esforço para inventar coletivamente outras categorias ainda embrionárias. A única influência legítima para eles é a da ordem social e cultural estabelecida, jamais aquelas das desordens apoiadas no engajamento coletivo e na busca individual por ordens alternativas. Na linhagem dos discursos reacionários, desde Bonald e de Maistre, a verdadeira liberdade estaria na tradição, e a tirania na própria ideia de que se pode refazer o mundo e refazer a si mesmo, ainda que um pouco. A este respeito, os nossos psis paternalistas poderiam ter criticado, com os mesmos argumentos, a contestação da ordem feudal pelos Revolucionários de 1789, ordem feudal que, pelo menos, claramente fazia do que se “herdou de seus pais” a única medida do que se tem direito a querer “adquirir para o possuir”.

Da nossa parte, a essa concepção rigorosamente feudal da psicanálise, que não cessa de lembrar a ordem aos trans, como outrora fazia para os gays e lésbicas (na época do PaCS), não oporemos uma psicanálise “progressista” que aderiria à ideia, certamente ingênua, segundo a qual nossas sociedades estariam se desembaraçando das amarras arcaicas e deixando, enfim, cada um florescer (como se fossemos flores esperando para desabrochar). Mas sim uma psicanálise *inclusiva*, que aproveita a oportunidade da conquista de imaginários por esses discursos outrora minoritários para melhor mostrar a que ponto já somos todas e todos, todes e tudo, também “fora da norma” como os demais. Não se nasce trans, se torna, como se torna homem ou mulher ou outro, mesmo que esse devir assuma a forma de ter-sempre-sido.

### **Quem está eufórico de gênero?**

É nesse ponto que se pode interrogar o uso da noção de disforia. Quando se conhece os debates que tem havido sobre este termo, podemos nos surpreender que Sébastien Lifshitz não se contente em confiar, em seu filme, à palavra “disforia”, pronunciada pela psiquiatra, o protagonismo do discurso da paz e da verdade, mas que a retome por sua própria conta, sem qualquer precaução particular, como se vê na sua participação no programa da ARTE, “28 minutes”, em que afirma, em tom de evidência, que a disforia é o termo utilizado atualmente para falar sobre a transidentidade<sup>25</sup>. Mas utilizado por quem? Bem, justamente pela psiquiatra e, de uma maneira geral, pelas instituições que precisam objetivar as experiências trans para lhes deixar tranquilas. E para designar o quê? A transidentidade mesmo? Bem, não: esta palavra não designa mais (no vocabulário psiquiátrico) a transidentidade como tal, mas sim o *sufrimento* que um indivíduo pode ter em relação a essa transidentidade. E isso por uma razão simples: quer a gente queira ou não, a palavra “disforia” evoca desordem, desvio de uma norma,

problema a resolver. Os disfóricos se opõem aos eufóricos, como aqueles que vão mal se opõem àqueles que vão bem *em seu gênero*. Mas que os eufóricos de gênero derramem a primeira lágrima!

É claro, nos dirão que o termo "disforia de gênero" não deve ser entendido no sentido de patologia, mas sim de condição particular, um pouco como algumas pessoas são do grupo sanguíneo O, outras A, outras B, etc. No entanto, o termo é inequivocamente de origem médica: foi introduzido em 1973 por Norman Fisk para designar um "grupo de vários estados relacionados por insatisfação, ou mesmo angústia, ligados ao sexo anatômico e por uma demanda de mudança de sexo", e permanece no quadro de uma abordagem psicológica e patológica da transexualidade<sup>26</sup>. Quando os psiquiatras falam hoje em disforia, juram de coração que isso não quer dizer que haveria algo em si de patológico no fato de não se sentir do gênero atribuído ao nascer, mas sim para designar as situações em que uma pessoa *sofre* com essa experiência, e unicamente essas situações. Ora, se há algo marcante na história de Sacha, é que ela absolutamente não sofre por viver no feminino. Pelo contrário! Isso lhe dá imensa alegria e é essa alegria que, com razão, convence sua mãe de que ela não pode destruí-la em nome de uma suposta evidência que um pouco de reflexão pode, afinal, dissipar rapidamente. Sacha está perfeitamente de acordo com sua "transição". É o mundo exterior que não está. Falar de disforia no caso dela é voltar a uma certa patologização confusa das experiências trans. E reduzir a transidentidade à disforia, como fez Sébastien Lifshitz com espírito sem dúvida pedagógico, é borrar a diferença, que necessitou tantas décadas para construir, entre a patologização das experiências trans e a atenção às dificuldades particulares que as vidas trans podem encontrar, especialmente em um mundo transfóbico.

Essa negligência terminológica da parte de alguém tão preciso, tão delicado, parece trair um movimento de fundo que seu filme traz consigo: não discutir a atual abordagem psiquiátrica dessas experiências, para poder tomá-la, da melhor forma, como apoio na luta contra a resistência de outras instituições – jogar, enfim, o hospital contra a escola. Nós ficamos, efetivamente, tão aliviados com a intervenção da psiquiatra que não queremos discutir. E, de fato, os ativistas trans muitas vezes tinham o mesmo sentimento: não havia motivo para queixar e aborrecer seu prazer<sup>27</sup>. Concordamos: não ficaremos aborrecidos. Mas isso não impede de refletir. Este alívio e reconhecimento que sentimos ao ver o filme não deveria nos impedir de interrogar tanto a demanda social dirigida à psiquiatria, quanto os pressupostos implícitos que acompanham esse termo disforia. Parece-nos que os dois caminham juntos: é para que as

peças trans não desestabilizem demais um certo essencialismo (principalmente binário) da norma sexo/gênero que a psiquiatria é convocada.

A ideia de disforia sugere sim que cada indivíduo tem o direito de viver sua própria identidade, independentemente das características de seu corpo, mas também que sexo e gênero devam estar de acordo, mesmo que isso implique a intervenção médica que transformará o corpo ruim em bom corpo. E como, em geral, essas essências sexuais são concebidas em uma estrutura binária (é o caso de Sasha), vê-se porque tais intervenções tendem a produzir “verdadeiros” corpos de “homem” ou de “mulher”. *Exit* corpos trans. A transidentidade perde então seu caráter de sintoma – no sentido que a psicanálise (lacaniana) deu recentemente a esse termo, ou seja, da invenção de um corpo às voltas com um gozo singular e intratável<sup>28</sup> – para ser envolvido em uma nova normatividade. Ela é aceitável, certamente, mas sob a condição de ser um caso particular da correção de um desvio<sup>29</sup>.

Se a psiquiatria, mesmo tendo se tornado empática e prestativa, como retratado no documentário de Sébastien Lifshitz, corre o risco de ser colocada a serviço do reestabelecimento da ordem da binariedade do sexo, é porque ela adere implicitamente a uma filosofia subjacente a toda medicina contemporânea: para todo problema, uma solução<sup>30</sup>. O mal-estar de uma pessoa transgênero não é, a seus olhos, tão diferente daquele de uma pessoa angustiada, depressiva, maníaca, toxicomânica, delirante, etc. É necessário que tenha uma pílula, um tratamento, uma operação cirúrgica, para resolver a “desordem”, psíquica ou orgânica. No contexto da transidentidade e da redesignação de sexo, essa filosofia conduzirá a “terapia” a intervir no âmbito da epistemologia da diferença sexual. Lembremos das operações realizadas em intersexos ao nascer para poder designar-lhes um sexo, por princípio<sup>31</sup>. Não estamos mais na época desses abusos. Mas, apesar de tudo, a medicina continua a compreender sua intervenção no corpo trans apenas de forma normativa e ortopédica: ela não acompanha a invenção do corpo de uma pessoa que luta com seu ser (ou, como diríamos na psicanálise, com seu gozo), ela trata dele. E como ela poderia tratá-lo, senão inscrevendo-o no horizonte da feminilidade ou da masculinidade, com o objetivo de fazer desaparecer os signos da sua *trans-formação*?

O depoimento do sociólogo e ativista trans Miquel Missé é impressionante: “A ideia de ter um corpo por engano [equivocado] vem dos referenciais da sexualidade presentes no imaginário social. Pessoas com autoridade inquestionável me confirmaram que sim, eu era um verdadeiro transexual. Elas me entregaram um documento em que estava escrito que eu tinha

uma doença incurável, a menos que passasse por um tratamento crônico que implicava hormônios e cirurgia. Na época, o processo me parecera exagerado, mas me dava a impressão de que para obter o resultado esperado, isso valia a pena e era o único caminho possível. Foi só anos depois que me senti como se tivesse sido roubado. Eu me pergunto porque ninguém me disse que era possível manter este corpo, porque ninguém me disse que outra sexualidade era possível neste corpo. Não sofri nenhuma violência, tampouco ameaças. Mas sinto que me roubaram a possibilidade de viver meu corpo de outra forma<sup>32</sup>.

Sasha quer, antes de tudo, poder fazer um certo número de coisas que lhe são apresentadas como incompatíveis com seu suposto ser (masculino), e que lhe são até proibidas: usar sapatos com fivelas, fitas no cabelo, ter personagens femininos na dança, brincar com bonecas, etc. E só a deixamos fazer isso com a condição de colocá-la sob uma direção na qual seu corpo exigiria correção. Mas por quê? Isso não é continuar a dar nó na cabeça, para usar a expressão do pai de Sasha que não entende as preocupações de enquadramento escolar? Para Sacha a questão é menos “por que ele quer se vestir de menina?”, do que: “por que ela deveria se vestir de menino?”.

Se admitimos que Sacha é disfórica, reconhecemos que para ser menina *é preciso* ter características biológicas femininas, de modo que quando se sente menina mas não se tem essas características, há, necessariamente, um problema. Clémence Zamora-Cruz, co-presidente da *Transgender Europe*, considera sempre estigmatizante a utilização do termo “disforia” ou da expressão “*incongruência de gênero*”: “Com esta palavra, damos a impressão de que há sempre um problema com a transidentidade. Mas o verdadeiro problema é a transfobia<sup>33</sup>”.

Em suma, não há necessidade de falar em “disforia” no caso de Sasha. Do contrário, partiríamos de uma ideia normativa do que é ser homem ou mulher, e essa ideia é simplesmente transfóbica. A redesignação de gênero, quando é apresentada como única alternativa à resignação, não é uma solução para a pessoa trans; é uma solução para a sociedade que essa pessoa incomoda. A medicalização das experiências trans, tal como aparece em *Pequena Garota*, por mais salutar que seja no caso, não guarda de modo algum sua verdade.

### **Um chapéu, um laço, um colar, uma coroa: o gozo-sexual, seus acessórios e sua imagem**

Não gostaríamos que confundissem as questões que estamos formulando a respeito da demanda social dirigida à psiquiatria, com outra crítica, frequente nos meios psicanalíticos franceses há algum tempo. Não se trata de aderir a mais uma denúncia do suposto liberalismo

das sociedades contemporâneas, em que "a permissão [é] colocada no posto de comando", como escreve Jacques-Alain Miller<sup>34</sup>. Em tais denúncias, o suposto liberalismo iria, na tentativa de apagar o sofrimento do sujeito prejudicado por seu corpo, ao ponto de negar os dados mais elementares da realidade, dos quais, é claro, a diferença entre os sexos seria o exemplo eminente<sup>35</sup>. Tal discurso, muito apreciado entre os lacanianos franceses (notadamente o próprio J.-A. Miller, herdeiro legítimo do doutor Lacan, assim como Jean-Pierre Lebrun, Charles Melman e muitos outros), obviamente contradiz o que já adiantamos, a saber, que o inconsciente não conhece a diferença entre os sexos. É necessário, portanto, chegar a esta questão: a psicanálise tem, entre seus axiomas fundadores, certa ideia da diferença entre os sexos como pedra fundamental, ou, por outro lado, ela é o terreno sobre o qual se pode construir uma teoria do sexo/gênero que permite compreender não só o que está em jogo nas experiências trans, mas também, a partir destas, o que está em jogo, de modo geral, no sentimento de *ser de um determinado sexo*?

Nossos lacanianos, para expressar sua convicção do caráter insuperável da diferença entre os sexos, muitas vezes retomam uma famosa fórmula de Lacan: “não há relação sexual”. A ideia deles é, em síntese, que a diferença entre os sexos divide os sujeitos em seu interior e os impede de coincidir consigo mesmos, mas sendo essa não-coincidência a si a própria definição de um sujeito, a diferença entre os sexos seria, então, o fundamento da experiência subjetiva em geral. Lacan diz que se tem que *escolher seu sexo*<sup>36</sup>, como se ser um sujeito fosse, necessariamente, encontrar-se nessa brecha no momento de uma escolha forçada: “Então, de um lado? Ou do outro?”. E o que quer que você escolha, de qualquer maneira, não vai funcionar. Esses psicanalistas também não se sentem particularmente afetados pelas críticas que lhes são dirigidas pelo pensamento *queer*, porque têm o sentimento de já terem, desde sempre, admitido que sexo e gênero não correspondem, e que o binarismo não diz respeito às teorias lacanianas da sexuação. Eles se sentem mesmo muito mais subversivos do que os militantes trans, porque estes teriam a ingenuidade de acreditar que se poderia aceder a um bom sexo, a uma reconciliação consigo mesmo, graças, sobretudo, à transição, e essa infelicidade, o sentimento de desacordo, seria apenas a consequência de uma opressão social contingente. Mas nossos psis, sentados atrás de seus divãs, sabem muito bem que isso é inatingível e, até mesmo, que um projeto como tal é fonte garantida de sofrimento<sup>37</sup>.

Se estamos de acordo com Lacan quanto a ideia de que a não-conformidade consigo mesmo é, em matéria de sexo e mais frequentemente de corpo, a norma e não a exceção,

pensamos que isso não se deve ao fato de que a diferença entre os sexos atravessa cada sujeito, mas sim ao fato de que o corpo é, de início e antes de tudo, dado como um magma de pulsões parciais autônomas e acéfalas (pulsão oral, pulsão anal, pulsão escópica, etc). Uma parte disso que chamamos sexo, ou gênero, é formada por uma montagem mais ou menos mal acabada desses diferentes pedaços que operam como acessórios, os quais compomos para constituir um corpo que funcione. É exatamente isso que Sasha faz em uma das cenas mais bonitas e impressionantes do filme, em que ela se olha no espelho experimentando ora um chapéu, ora uma fita, depois um colar, uma coroa... Os “órgãos” do corpo também são acessórios que penduramos, movemos, adicionamos, destacamos, anexamos uns aos outros. Deste ponto de vista, o pênis é como o chapéu, o seio como a fita: os órgãos estão presos ao corpo como broches ou flores; eles *emblemam* o corpo. O sexo é uma questão de heráldica<sup>38</sup>, mesmo a carne. E o que comanda essas montagens é o que Lacan chamou de *gozo*, uma mistura de prazer e sofrimento, ligada à experiência traumática do sujeito, que se fixa no nível do inconsciente.

Desse ponto de vista, a teoria freudiana das pulsões e a teoria lacaniana do gozo e do sintoma, vão ao encontro das descrições do corpo trans dadas pelas próprias pessoas trans: um corpo que, quando não é imediatamente redesignado pela medicina, e mesmo depois de ter sido, vive, constrói, inventa-se fora das identidades fixas e estabelecidas – o corpo como “fábrica” (*fabrica*) de Miquel Missé, o corpo como montagem de próteses e tóxicos tal qual apresentado por Paul B. Preciado, entre tantas outras descrições tão preciosas e tão precisas das experiências de transições. Um corpo trans é antes de tudo um corpo que assume a sua mutação, que se explora, e não necessariamente um corpo que procura se acomodar em uma caixa identitária.

Isso pode parecer contra-intuitivo, dada a importância que a questão da identidade, a relação com o espelho, com a aparência, com a imagem, parece ter para certas experiências trans. O que, aliás, levou alguns psicanalistas a pensar que a questão da imagem e do imaginário é central para o sujeito transgênero e que aí se concentra alguma coisa determinante<sup>39</sup>. Sustentamos que algumas experiências trans, pelo menos, exploram um corpo relativamente isento de identificações imaginárias. O espelho está lá, mas não para congelar o sujeito no “*déjà vu*”: ele não tem nenhuma função egoica, ortopédica, icônica. Na cena de Sasha diante de seu espelho, ve-se que se trata para ela de variar os acessórios: a cada instante tudo muda, o corpo deseja e “se deseja” a partir de suas infinitas possibilidades de existência, e não na fascinação da imagem de si, idealizada ou execrada. A instabilidade da imagem não é um precipício, como



é para muitas pessoas, em particular as neuróticas, que buscam um apoio, um ponto de fixação, uma segurança, uma identidade. A instabilidade da imagem é explorada em seu sentido mais positivo, não como angústia de irresolução, mas como ferramenta experimental, como matriz de transformações virtuais. É a mesma coisa quando Sacha dança, sozinha, com seus véus e seus lindos sapatos: ela nos emociona porque nos transporta para seu mundo de possibilidades, de incertezas é claro, mas também de construções e alegrias.

Isso não significa que uma pessoa trans não possa ter problemas com sua imagem e, claro, com sua frágil consistência. Mas esse sentimento não está necessariamente ligado ao corpo trans enquanto tal, exceto quando a binaridade sexual tortura esse corpo para fazê-lo caber em suas caixas rígidas. É o caso, especificamente, da protagonista de outro filme recente, *Girl*, de Lukas Dohnt (2018), que põe em cena uma situação de transidentidade. Lara é uma adolescente trans que, após ter sido admitida em uma grande escola de balé, deve lutar com um corpo que não se encaixa nos padrões da bailarina clássica. Ela vai acabar por cortar seu pênis. Ela odeia esse corpo que não a permite fazer o que as outras bailarinas podem fazer. Ela é bonita e magra, mas os pés e o baricentro denunciam um corpo que tem outros trunfos. As suas amigas não percebem que ela tenta esconder seu sexo, e, por excessiva preocupação em integrá-la, obrigam-na a expor o que ela só pode considerar como uma desgraça que a separa delas. Aqui a questão da imagem é central. Mas nada disto é surpreendente se pensarmos que nenhuma arte é mais binária do que o balé clássico. Toda pessoa que ingressa em uma grande escola de dança deve enfrentar padrões rígidos: quantas jovens têm que desistir do seu sonho de menina porque seu corpo não se adapta ao que é exigido? Lara pensa que não tem êxito por causa do maldito corpo de homem que deve vencer, quando não tem êxito porque os critérios são extraordinariamente exigentes e, talvez, ela não seja tão talentosa. Lara sofre, é claro, mas como toda pessoa que se impõe provas excessivamente difíceis e que persiste em obter o mais improvável. Ela poderia tentar a dança contemporânea, em que provavelmente sua especificidade poderia, por outro lado, ser destacada, mas ela quer ser mais forte que o destino. Isso torna seu personagem heróico e patético, admirável e desolador. Lara tem mesmo um problema, e esse problema é de fato identitário, portanto egóico, mas ele vem mais de sua neurose do que de sua transidentidade. Que ela se coloque em uma situação de fracasso não é característica de seu ser trans, mas de seu ser neurótico – portanto, do que há de mais ordinário nela – ainda que, claro, nela a neurose invista no questionamento sobre seu sexo. A neurose sempre goza do impossível do qual ela se lamenta: o ser-mulher torna-se para Lara seu

impossível, assim como ser-filósofo se torna o impossível para um professor de filosofia normalmente neurótico. O fato deste último não saber o que cortar para alcançar esse ser impossível, não é suficiente para ver uma diferença de natureza (ou de estrutura) entre Lara e ele.

Sophie Mendelsohn, uma das maiores especialistas da clínica psicanalítica das experiências trans, escreve que alguns transgêneros sofrem da disjunção entre o corpo e a imagem: ela fala de “fixação à imagem como imagem pura, sem corpo”<sup>40</sup>. O caso de Lara ilustra perfeitamente essa tese. Mas podemos dizer que isso vale para qualquer pessoa trans? Certamente acontece que a fantasia da diferença dos sexos desencadeie uma grande angústia num sujeito trans, quando a injunção para escolher entre as formas que sobressaem do masculino e feminino se faz tão premente, que lhe dá sensação de que o seu corpo não poderia existir. Mas acontece também que as pessoas trans enganem essa pesada fantasia, e aí vemos que a imagem no espelho não é mais um tribunal angustiante, mas uma mesa de edição em que se trata de jogar (com) seu próprio corpo. Este é o caso de Sasha. Uma posição subjetiva desse tipo permite escapar aos efeitos de alienação característicos da neurose que Lacan descreveu em seu famoso artigo sobre o estádio do espelho. Assim, a categoria de semelhança prevalece sobre aquela da identidade, em relação à imagem. Porque a imagem é um bicho estranho: ela pode muito bem servir tanto para identificação quanto para essa gradação de diferenças contínuas que é a semelhança. Neste último caso, o sujeito se interessa pela imagem não porque ela dá uma forma fixa e visível a algo indeterminado e móvel (seu corpo desejanste), mas, ao contrário, porque ela permite toda forma de variações contínuas que ecoam a labilidade e a invenção do corpo trans (daí a beleza da cena de Sacha experimentando seus acessórios). Por outro lado, quando a imagem responde à angústia que induz a fantasia, é natural que a reivindicação de identidade (masculina ou feminina) se torne uma paixão voraz para o sujeito. E então se compreende porque, como diz Sophie Mendelsohn, a construção identitária toma o lugar de uma imagem em disjunção do corpo. Mas a questão da identidade de gênero está longe de ser obcecante em todas as experiências trans.

Pensamos em um paciente psicótico que tem algumas práticas transgênero – ele se veste frequentemente de mulher. Mas ao invés de buscar corresponder a um modelo típico de feminilidade, seja ele exaltado (como no caso das drag queens), ele mobiliza signos de gênero de forma descentralizada e não hierárquica, sem que precisem se inscrever na construção de

uma identidade de gênero: uma calça com corações, usada ao mesmo tempo que uma barba, brincos e salto plataforma; cabelos compridos, mas usando um rabo de cavalo à moda de Karl Lagerfeld. Às vezes, porém, ele vem em um terno de duas peças (masculino) e um scarpin. Ele não procura adequar seu corpo a uma imagem masculina abstrata e ideal. Ele joga com a semelhança e a imitação, mas o que fabrica, justamente, não é uma imagem, mas uma bricolagem. Ele não precisa de reconhecimento ou certificação de seu gênero. E seu corpo, longe de recair nesse vazio escavado pela angústia da imagem, é, ao contrário, ricamente inventivo e perpetuamente reconstruído.

Aqui, tocamos num ponto sensível: a relação entre as transidentidades e a noção de “psicose”. Porque a diferença que destacamos entre Lara e Sacha, no que diz respeito à imagem, se sobrepõe à distinção entre essas duas grandes estruturas da subjetividade que a psicanálise trouxe (além da perversão): a neurose e a psicose<sup>41</sup>. Parece que estamos dizendo que o corpo trans, ao fazer da transformação como tal seu operador de gozo, está próximo da psicose. Ora, sabe-se a que ponto as pessoas trans lutaram para deixar de serem consideradas como loucas, e elas tem razão: transidentidade não é loucura. Isso levou a considerar com uma suspeita particular toda maneira de falar de “psicose” no caso de certas experiências trans. Mas essa reticência vem ela própria de um mal-entendido que se desdobra em uma estigmatização lateral.

A noção de psicose designa uma estrutura psíquica e não se confunde com a loucura. A loucura, ao contrário, atravessa todas as estruturas psíquicas, de modo que não há diferença de estrutura entre loucos e não loucos. As pessoas psicóticas têm, por vezes, singularidades de comportamento que as levam a ser excluídas, tal qual as experiências de loucura implicam muitas vezes uma forma de exclusão. Mas, em ambos os casos, é a angústia dos outros que produz essa exclusão, ao mesmo tempo em que essa exclusão agrava (ou até constitui) o que se pode chamar de loucura. Seria muito lamentável se a superação de uma exclusão de pessoas trans fosse feita ao preço de reforçar outra exclusão, a de pessoas psicóticas ou em situação de loucura. Temos aqui um caso característico do que, em outros espaços teóricos, se chama de *interseccionalidade*. Mas além dessa observação política, do ponto de vista clínico seria igualmente lamentável que nossa preocupação em acolher experiências trans nos impedisse de ouvi-las em sua própria diversidade. Por isso é importante dizer que há neuróticos trans, mas também psicóticos, e até perversos, e que os psicóticos, entre as pessoas trans como

em qualquer outro lugar, não são necessariamente os mais loucos. Em suma, os trans são pessoas como quaisquer outras!

\*\*\*

Assim, como se pode ver, entre os trans e os psis, a contestação mudou de lado: já não são os psis que interrogam os trans sobre a sua verdade, mas os trans que convocam os psis a explicar suas opções teóricas e clínicas. A questão do sexo, os psis têm toda a razão, nos *dividem*. Mas, agora, nos divide mais como psis do que como “seres sexuados”! A questão é: intervir como psi a partir da autoridade de seu suposto saber, investido do poder de permitir ou proibir (transições, por exemplo), ou como um lugar facultativo em que a impossibilidade de todo saber definitivo pode ser experimentado pelos próprios sujeitos a preço da renúncia a todo poder pelos psis (incluindo o de encontrar soluções para o sofrimento dos indivíduos em seu lugar)? No primeiro caso, não se falará do inconsciente; no segundo sim. Esta é toda a diferença entre psiquiatria e psicologia de um lado, e a psicanálise do outro. Ir até o fim com a desmedicalização das experiências trans, e mais genericamente da questão de gênero e sexo, é, incontestavelmente, um dos desafios do nosso presente. Compreender a posição da psicanálise, ou seja, de uma clínica do inconsciente, no campo do discurso psi, pode ajudar a esclarecer esse desafio e evitar a se reconciliar com os bons pais ou as boas mães que continuam, apesar de toda a sua benevolência – e mesmo por causa de sua benevolência –, a supor que nosso bem já está decidido.

Mas a própria psicanálise está dividida: quer continuar a se ocultar na opacidade dos desejos humanos como Deus na bruma do monte Sinai, de onde cairia um terrível veredicto sobre os limites da condição humana (“castração! castração!”); ou está pronta para admitir que não sabe o que podem os corpos, por exemplo, os corpos trans em um mundo que não seria transfóbico? E essa pergunta se desdobra em uma segunda: ela é capaz de não mais confundir essa divisão do sujeito pelo inconsciente com a experiência da diferença entre o masculino e o feminino, para recolocá-la no que é uma das maiores invenções freudianas: a do corpo anárquico das pulsões parciais, aquela, também, desse elemento rigorosamente *ingovernável* que Lacan chamou de *gozo*?

Desmedicalizar os corpos à mercê dos sintomas, desbinarizar a diferença entre os sexos: este é o programa do que chamamos *psicanálise inclusiva*, capaz de sustentar que o sexo não é o lugar de uma verdade dos seres, mas o terreno de uma invenção do corpo. É revolucionária porque não promete a felicidade; promete... o inconsciente!

### Referências Bibliográficas

- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (trad. e notas Paulo Cesar de Souza), vol 11: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras. (9 - 244). (Original publicado em 1912-13)
- Freud, S. (2016). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (trad. e notas Paulo Cesar de Souza), vol 6: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O caso Dora”) e outros textos*. (p. 13-172) São Paulo: Companhia das letras. (Original publicado em 1905).
- Hubert, H. (2007). Transsexualisme: du syndrome au symptôme. *Cliniques Méditerranéennes, Médecine, éthique et psychanalyse*, n°76, Ères, p. 255-270. DOI: 10.3917/cm.076.0255.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In Lacan, J.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 96-103. (Original Publicado em 1949)
- Lacan, J. (2018). Aula 11 – 9 de abril de 1974. In: Lacan, J. *Os não-tolos erram / Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974*. Trad. e org. de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco. Porto Alegre, RS: Editora Fi, p.185-206.
- Leguil, C. (2015). *L'être et le genre. Homme/Femme après Lacan*. Paris: PUF – Presses Universitaires de France.
- Mendelshon, S. (2020). Accord perdu (de l'intérêt d'envisager une “clinique trans”). *La clinique lacanienne — La pluralité des genres? —*, n° 31, Toulouse, Erès, p. 25-39. DOI: 10.3917/cla.031.0025
- Milner, J.C., Zizek, S. e Luchelli, J. P. (2018). *Sexualités en travaux*, Paris: Éditions Michèle.
- Missé, M. (2018). *A la conquista del cuerpo equivocado*. Barcellona – Madrid: Editorial Egales, 109 sq.
- Preciado, P. (2018) *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições.
- Preciado, P. (2020). *Je suis un monstre qui vous parle*. Paris: Editions Grasset et Fasquelle.
- Zupancic, A. (2019). *Qu'est-ce que le sexe?*. Paris: Les Presses du Réel.

## Notas de rodapé

<sup>2</sup> Paul B. Preciado, *Je suis un monstre qui vous parle*, Paris, Grasset, 2020. Disponível em português, com tradução de Sara Wagner, em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala>

<sup>3</sup> NT. O documentário, que conta a história de Sacha, pode ser alugado e assistido no Brasil em algumas plataformas digitais, como Youtube, Google Play, Apple Tv, entre outras. Sobre o recorde de audiência, Lippi e Maniglier sugerem a notícia no site da revista cultural francesa *Les Inrockuptibles*, disponível em:

<https://www.lesinrocks.com/2020/12/03/cinema/actualite-cinema/record-dauidence-pour-petite-fille-de-sebastien-lifshitz-sur-arte/>.

<sup>4</sup> NT. O juramento de Hipócrates é um juramento solene, escrito originalmente no século V a.C. e atualizado posteriormente em algumas circunstâncias, que deve ser proferido pelos médicos na ocasião de suas formaturas. Nele, é possível ler não apenas uma clara preocupação, mas também a assunção de um sério compromisso com uma ideia de “Bem” em relação à vida.

<sup>5</sup> Lippi e Maniglier referenciam o artigo publicado na revista *Marianne*, em 5 de janeiro de 2021 : “O humano é compelido, ele não pode tudo : o fórum de pediatras e psiquiatras sobre o documentário Pequena Garota” (L’humain est contraint, il ne peut pas tout : la tribune de pédiatres et psychiatres sur le document *Petite fille*), disponível em : <https://www.marianne.net/agora/tribunes-libres/lhumain-est-contraint-il-ne-peut-pas-tout-la-tribune-de-pediatres-et-psychiatres-sur-le-documentaire-petite-fille>.

<sup>6</sup> NT. Em função da argumentação de Lippi e Maniglier, no atual artigo, ser fomentada a partir do texto na revista *Marianne*, ou seja, de uma publicação opinativa que é assinada por um coletivo amplo de profissionais da saúde, julgamos prudente apontar aqui os nomes de tais profissionais para referenciar a crítica ao leitor brasileiro, menos familiarizado com a polêmica em torno do documentário *Pequena Garota*: Céline Masson, professora universitária e psicanalista; Jean-Pierre Lebrun, psiquiatra e psicanalista; Claire Squires, psiquiatra e mestre de conferências na Universidade de Paris; Éric Ghozlan, doutor em psicologia clínica, membro do Conselho Nacional de Proteção à Criança; Hana Rottman, psiquiatra infantil, psicanalista; Natalie Felzenszwalbe, advogada honorária; Caroline Eliacheff, psiquiatra infantil, psicanalista; Isabelle de Mecquenem, professora titular de filosofia; Manuel Maidenberg, pediatra; Anne-Laure Boch, neurocirurgiã, médica do hospital Pitié Salpêtrière.

<sup>7</sup> NT. O termo “communautaristes”, traduzido aqui por “comunitaristas”, mesmo estando referido às minorias identitárias, é normalmente empregado na França com uma conotação pejorativa, o que explica a observação irônica feita pelos autores entre parênteses.

<sup>8</sup> Cf. Eliot Sévricourt, « Sacha et le Cisgaze », *Médiapart*, 10 décembre 2020 (<https://blogs.mediapart.fr/eliot-sevricourt/blog/101220/sasha-et-le-cisgaze>). NT. Lippi e Maniglier referenciam o blog de Eliot Sévricourt, militante transfeminista que escreveu sobre não ter gostado do documentário *Pequena Garota* (2020) em função deste apresentar uma visão da transgeneridade a partir de uma perspectiva cisgênero.

<sup>9</sup> NT. Nessa passagem, os autores usam a sentença “à plus ou moins bon escient”, que foi traduzida por “modo mais ou menos sensatoo”. É preciso destacar que “à bon escient” é uma expressão que advém do francês antigo, derivada do verbo latim “scire”, que significa “saber”.

A princípio, tal expressão significa ter um bom conhecimento de causa sobre um determinado assunto, um conhecimento que se pretende completo. Aqui, em função do uso do “plus ou moins”, que põe em xeque justamente a condição de completude desse suposto conhecimento de causa, optamos pelo uso do termo “mais ou menos sensato”.

<sup>10</sup> S. Freud, *Totem e Tabu*, trad. Paulo César de Souza, São Paulo, Cia das Letras, 2012, p. 241. Acrescentamos, para mensurar adequadamente, que no texto do próprio Goethe (*Fausto*, Parte I, cena 1, vv. 682-683), essa frase significa simplesmente que é necessário se desvencilhar de toda carga pesada que recebemos como herança – logo, o exato inverso disso que os signatários do artigo da *Marianne* recomentam...

<sup>11</sup> É impressionante constatar que hoje são os mesmos discursos, e frequentemente as mesmas pessoas (por exemplo, Caroline Eliacheff), que outrora se opuseram ao PaCS (mas não ao casamento, pois já haviam compreendido que os ventos mudaram e que isso lhes confundiriam com os católicos tradicionalistas e a extrema direita mais rancorosa) e que gritam escândalo pela recente e tímida abertura das instituições e da sociedade às experiências trans. NT. O PaCS é uma forma de união civil prevista pela lei francesa desde 1999, quando foi votada e aprovada. Caroline Eliacheff é uma psiquiatra, psicanalista e ensaísta francesa, com diversos livros publicados sobre a infância, a adolescência, a relação mãe-filha, etc.

<sup>12</sup> Cf. Karine Espineira, « Petite fille, un traité de transidentité à l’usage de cis gens », *Contretemps, revue de critique communiste*, 28 décembre 2020 ([http://www.contretemps.eu/petite-fille-traite-transidentite/#\\_ftn5](http://www.contretemps.eu/petite-fille-traite-transidentite/#_ftn5)). NT. Lippi e Maniglier referenciam o artigo de Karine Espineira, publicada na revista *Contretemps*. Espineira é socióloga de mídias, membro do LEGS (Laboratório de estudos de gênero e sexualidade, vinculado à Universidade Paris 8), e realiza pesquisas sobre as representações midiáticas das transidentidades e as políticas transfeministas.

<sup>13</sup> NT. A expressão usada pelos autores é *faire genre*, que normalmente tem o sentido de fazer como, fazer tipo, atuar de algum modo específico, fingir. Mas, no contexto do artigo, a expressão ganha uma outra proporção ao entendemos que é a própria ideia de gênero que está aqui colocada em questão, como algo que diz respeito a uma certa performance que cada um faz em torno de sua sexualidade.

<sup>14</sup> É interessante notar que, em um texto sobre o documentário *Pequena garota*, Jean-Marie Durand tenha percebido no filme uma mensagem inversa, como testemunha o título de seu artigo: “Não se nasce pequena garota, se torna” (« On ne naît pas petite fille, on le devient », AOC, 2/12/2020), disponível em : <https://aoc.media/critique/2020/12/01/on-ne-naît-pas-petite-fille-on-le-devient-sur-petite-fille-de-sebastien-lifshitz/>. É isso que, de certo modo, o filme desmente, naquilo que ele mostra e defende a partir da fala da psiquiatra.

<sup>15</sup> Ver, especialmente: Paul B. Preciado, *Texto Junkie. Sexe, drogue et biopolitique*, Paris, Grasset 2008, p. 119 [versão brasileira: Paul B. Preciado, *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018]; Miquel Missé, *A la conquista del cuerpo equivocado*, Egales, Barcellona-Madrid, 2018, p. 109 sq.

<sup>16</sup> Jacques Lacan, *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

<sup>17</sup> Lembremos, além disso, que esse famoso “sexo biológico” não existe em sua unidade: ele é a superposição do fisiológico (em particular do órgão genital), endocrinológico (isto é, os hormônios) e genético (isto é, o genoma), esses três não necessariamente correspondem e, por outro lado, acabam por traçar não oposições binárias e descontínuas, mas sim toda uma gradação de variações contínuas (marcas fisiológicas mais ou menos mais ou menos pronunciadas de dimorfismo sexual, mais ou menos estrogênio e testosterona, mais ou menos

X e Y no genoma). Para uma revisão destas questões, ver: Patrice Maniglier, “Bien plus que cinq sexes: beyond masculine and female”, *Femmes, Hommes : quelle différence ? 19° Forum Le Monde Le Mans*. Jean Birnbaum ed. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2008.

<sup>18</sup> Ver a queixa apresentada por Keira Bell no Reino Unido, a quem o Supremo Tribunal de Londres deu razão, no dia 1 de dezembro de 2021, contra o hospital público que lhe administrou o tratamento.

<sup>19</sup> Ver o artigo do jurista Olivier Starton no *Figaro* (<https://www.lefigaro.fr/vox/societe/les-enfants-sont-dans-l-incapacite-de-donner-un-consentement-valable-aux-traitements-de-transidentite-20201204>), que claramente tem as mesmas posições do artigo dos psicanalistas paternalistas na revista *Marianne*.

<sup>20</sup> Ver os testemunhos de Paul B. Preciado e Miquel Missé.

<sup>21</sup> Em princípio, as experiências trans não deveriam mais fazer parte da lista de doenças mentais: o Estado francês retirou a identidade trans dessa lista há mais de 10 anos (lei de 10 de fevereiro de 2010) e convenceu a Organização Mundial da Saúde a segui-lo nesta direção, o que só foi conseguido em 2019. Na prática, porém, o acesso às técnicas e cirurgias hormonais continua passando por uma psiquiatrização (mesmo que, na França, isso seja tratado por associações), com todos os efeitos de formatação da experiência subjetiva que isso acarreta. Para uma descrição estimulante desses mecanismos e suas questões filosóficas, ver Sarah Lucide, “Récits en transition. Vers une ontologie sociale narrative”, Dissertação do 2º ano de pesquisa no Mestrado em Filosofia, sob a direção de François-David Sebbah, Universidade Paris Nanterre. Além disso, Eliot Sévricort observa que a Dra. Bargiacchi pertence à SoFECT [*Société française d'études et de prise en charge de la transidentité* – Sociedade francesa de estudos e tratamento da transidentidade], a altamente contestada associação à qual foi delegada a questão do apoio financeiro aos pedidos de transição, fazendo uma parte muito importante da avaliação psiquiátrica.

<sup>22</sup> Para ver a entrevista: <https://www.arte.tv/fr/videos/101166-001-A/sebastien-lifshitz-petite-fille-pas-son-genre/>

<sup>23</sup> « [...] l'activité autoérotique des zones érogènes est la même pour les deux sexes et, en raison de cette concordance, la possibilité d'une différence des sexes, telle que celle qui se met en place après la puberté, est supprimée [...]. » Sigmund Freud, *Trois essais sur la théorie sexuelle* (1905/1910/1915/1920), Paris, Folio, 1987, p. 161 [Versão brasileira: “(...) a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma nos dois sexos, e essa concordância anula, na infância, a possibilidade de uma diferença entre os sexos como a que se estabelece após a puberdade.” Sigmund Freud, *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016 (1905), p. 138]. Esse ponto foi complicado por Lacan, mas resta uma contribuição fundamental da psicanálise à compreensão do fenômeno de gênero.

<sup>24</sup> NT. Os autores usam a sigla LBGQUIAP+. Entretanto, não encontramos correspondentes em português ou em francês sobre o acréscimo da letra U, o que nos fez optar pelo uso da sigla LBGQUIAP+, de uso corrente no Brasil.

<sup>25</sup> <https://www.arte.tv/fr/videos/101166-001-A/sebastien-lifshitz-petite-fille-pas-son-genre/>

<sup>26</sup> Ver, especialmente, a crítica que faz Paul B. Preciado, *Je suis un monstre qui vous parle*, op. cit., p. 99 [Eu sou um monstro que vos fala].

<sup>27</sup> Ver, mais uma vez, a intervenção de Karine Espineira em *Contretemps* (loc. cit.).



<sup>28</sup> Do ponto de vista da psicanálise, o sintoma, ainda que gere sofrimento, não é sinal de doença; não deve ser erradicado ou corrigido (como a medicina faz). Sobre essa noção do corpo trans como sintoma, ver Silvia Lippi, “LGBTQIAP+Ψ. Réponse d’une psychanalyste à l’appel de Paul B. Preciado” [“LGBTQIAP+Ψ. Resposta de um psicanalista ao chamado de Paul B. Preciado”], em *AOC*, 25/09/2020: <https://aoc.media/opinion/2020/09/24/lgbtqiapψ-reponse-d-une-psychanalyste-a-lappel-de-paul-b-preciado/>.

<sup>29</sup> A militante transfeminista Maud Yeuse Thomas é clara sobre isso: “Não mudamos/transgredimos mais a ‘natureza’, mas sim um modelo, uma ordem social (“A Ordem Simbólica”), um modo de construção de identidade e sociabilidade. Na França, o que os proponentes da patologização das identidades trans lutam para esconder é sua recusa policial de toda construção socioidentitária autônoma e crítica. Eles preferem “afrouxar” o sexo – e autorizar mudanças de estado civil (Homem/Mulher) na condição de operações (Masculino/Feminino) – ao invés de renunciar ao gênero, ou seja, à relação de poder que está justamente no fundamento dessa concepção naturalista binária. No entanto, o fato transgênero e transvariante, há muito tempo, atrapalha o negócio, porque sustenta o paradoxo de um sexo diferente do gênero. Em suma, ele não binariza”. <https://mouvements.info/la-controverse-trans/>.

<sup>30</sup> « [...] Je ne dis pas que le mal-être du corps [...] a été inventé par la médecine. Bien sûr que non, ce que je dis c’est qu’ils ont inventé une réponse à ce mal-être : transformer le corps » [“Não estou dizendo que o mal-estar do corpo [...] foi inventado pela medicina. Claro que não, o que estou dizendo é que inventaram uma resposta para esse mal-estar: transformar o corpo”]. Miquel Missé, *A la conquista del cuerpo equivocado*, op. cit., p. 35.

<sup>31</sup> Indicamos um bonito e recente documentário: Regine Abadie, *Entre deux sexes* (2017). <https://www.arte.tv/fr/videos/069070-000-A/entre-deux-sexes/>.

<sup>32</sup> Miquel Missé, *A la conquista del cuerpo equivocado*, op. cit., p. 26.

<sup>33</sup> Ver: <https://www.lesinrocks.com/2019/05/28/actualite/societe/loms-reire-la-transidentite-des-maladies-mentales-une-amelioration-encore-imparfaite/>.

<sup>34</sup> Jacques-Alain Miller, “Jouer sa partie”, em *La Cause du désir*, n°105, junho de 2020, p. 26, citado por Jean-Noël Donnart, « Une fille... tout simple », em *Lacan quotidien*, n°905, 22 e dezembro de 2020, <https://lacanquotidien.fr/blog/2020/12/lacan-quotidien-n-905/>.

<sup>35</sup> “Essa visão transgênera parece revelar a utopia na qual o sofrimento desaparecia graças a aceitação do gozo, além da diferença sexual” [Cette vision transgenre semble dévoiler l’utopie dans laquelle la souffrance disparaîtrait grâce à l’acceptation de la jouissance, hors différence sexuelle.] Aurélie Charpentier-Libert, “Petite fille : D’une assignation, l’autre”, <https://institut-enfant.fr/zappeur-jie6/petite-fille-dune-assignation-lautre/>.

<sup>36</sup> “L’être sexué ne s’autorise que de lui-même’. C’est en ce sens qu’il a le choix, je veux dire que ce à quoi on se limite, enfin, pour les classer mâle ou féminin, dans l’état civil, enfin, ça, ça n’empêche pas qu’il a le choix.” Jacques Lacan, *Les non-dupes errent* (1973-1974), seminário inédito, aula de 9 de abril de 1974, disponível no site de Patrick Valas: [http://www.valas.fr/IMG/pdf/S21\\_NON-DUPES---.pdf](http://www.valas.fr/IMG/pdf/S21_NON-DUPES---.pdf), p. 187. [Versão brasileira: “O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo’. No sentido de que pode escolher, quero dizer, que aquilo a que o limita, para classificá-lo varão ou mulher no estado civil, não impede que ele possa escolher.” Trad. Frederico Denez e Gustavo Volaco. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 188). Ver também o esclarecedor comentário de Colette Soler, “Une nouvelle économie sexuelle”, em *Le choix du sexe*, Revue du Champs, Lacanien, n°17, 2015, pp. 11-20 (disponível em: <https://www.cairn.info/revue-champ-lacanien-2015-2-page-9.htm>).

---

<sup>37</sup> Encontra-se esse tipo de discurso, por exemplo, em Jean-Claude Milner, Slavoj Žižek, Juan Pablo Luchelli, *Sexualités en travaux*, Paris, Éditions Michèle, 2018; Alenka Zupancic, *Qu'est-ce que le sexe?*, Paris, Les Presses du Réel, 2019; Clotilde Leguil, *L'être et le genre. Homme/Femme après Lacan*, Paris, PUF, 2015.

<sup>38</sup> NT. A heráldica é a arte ou ciência que estuda os brasões, compreendendo suas origens, evoluções e o significado desses emblemas, cuja representação permitia distinguir as posições dos grupos e famílias dentro de uma sociedade.

<sup>39</sup> Hervé Hubert, « Transsexualisme : du syndrome au symptôme », dans *Cliniques Méditerranéennes*, n°76, Ères, 2007, p. 6 ; Sophie Mendelshon, « Accord perdu (de l'intérêt d'envisager une "clinique trans") », dans *La clinique lacanienne —La pluralité des genres ?—*, n° 31, Toulouse, Erès, 2020, p. 35.

<sup>40</sup> Sophie Mendelsohn, "Accord perdu (de l'intérêt d'envisager une "clinique trans")", *op. cit.*, p. 37.

<sup>41</sup> Decerto, isso não quer dizer que achamos que Sacha seja psicótica. Além disso, esse tipo de diagnóstico [estrutural] é ridículo dado o nível de familiaridade que temos com ela. Sacha é uma criança e os diagnósticos estruturais a propósito de crianças não têm nenhum sentido, ou, pelo menos, não o mesmo significado [que nos adultos]. Aqui Sacha serve como modelo conceitual e não como caso clínico.